

481	190	459	165					18	15	
-----	-----	-----	-----	--	--	--	--	----	----	--

VIRAM UMA PEÇA PELA PRIMEIRA VEZ

Índios da tribo xikrin descobrem o teatro

Os índios Kaiapó Xikrin do Kateté assistem pela primeira vez a um espetáculo teatral. A peça é uma montagem das atrizes Larissa Maly e Clarice Cardell, estudantes de Artes Cênicas da Universidade de Brasília. A apresentação foi na semana passada na própria tribo, que fica a 100 quilômetros de Carajás e a 1.100 de Belém, no sul do Pará.

Depois de 20 dias de convivência com os índios na aldeia, em fevereiro do ano passado, as atrizes montaram o espetáculo Koikwa (Côicua), que em kaiapó quer dizer 'um buraco no céu'.

A montagem teve o apoio da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), que transportou todo o material da peça e as atrizes num helicóptero da Superintendência das Minas de Carajás (Sumic). A reserva dos Xikrin, de 411 mil hectares, fica bem ao lado da área do Projeto Carajás.

O espetáculo é basicamente de dança, mas também tem falas. "Decidimos dançar para ter dos xikrin kaiapó uma avaliação do nosso trabalho de pesquisa", disse Clarice. Antes de entrar em cena, na área central da aldeia Dju Djê Kô, onde os índios realizam suas danças, as atrizes se pintam, seguindo o mesmo ritual dos índios. "É a primeira vez que eles vêem suas próprias danças encenadas por brancos", informou Larissa.

Mas antes dos próprios índios outros públicos assistiram ao espetáculo. Em Brasília, ele foi encenado na Praça dos Três Poderes. Em Nova York, no World Trade Center, como parte das comemorações da Semana da Amazônia, em setembro do ano passado.

Dirigido por José Regino, do grupo brasileiro "Celeiro das Antas", o espetáculo foi estruturado sobre cinco mitos dos kaiapó: O Pilar Celeste, O Fogo da Onça, O Sol e a Lua, O Pacote da Noite e O Buraco no Céu. Todos são histórias contadas pelos índios de geração em geração e sintetizam a cosmologia kaiapó, especial-

mente sua visão da criação do mundo, e a relação com o meio natural através dos tempos.

Em "O Buraco no Céu", Larissa Maly e Clarice Cardell confessam que criaram livremente a partir das tradições indígenas, conservadas apenas como linhas-mestras.

Mas os índios reconheceram seus mitos no espetáculo que mostra, por exemplo, o surgimento do homem branco segundo os xikrin. Conforme a lenda, um índio que caçava tatu fez um buraco no céu e rompeu um "pacote" em que estava a terra. A partir desse momento, acreditam os kaiapó, o céu e a terra foram separados e o homem branco surgiu.

Para os índios, o branco não trouxe apenas novidades, tecnologia. A reboque, também vieram os vícios e a maldade. Sem falar na catequização. Uma das cenas, para simbolizar a evangelização colonizadora, mostra um padre rezando o Pai-Nosso para um índio assustado.

De tronco linguístico gê, razoavelmente aculturados - as mulheres não falam português -, os xikrin assistiram ao espetáculo atenta e silenciosamente. Uns muito sérios, outros mais descontraídos. No final, segundo as atrizes, elas terminaram se divertindo ao ver duas brancas contarem as histórias da nação kaiapó.

"O Buraco no Céu" ainda vai ganhar outras linguagens. Agora em março sai um vídeo de 20 minutos dirigido por Eduardo Belmonte, documentarista e diretor de clipes e comerciais formado também pela UnB. Na primeira quinzena de abril, será lançado um livro, que mostrará basicamente o encontro da nação xikrin com o espetáculo teatral na aldeia. Com tiragem inicial de 1.000 exemplares, o livro terá 100 páginas com poemas e 80 fotografias. O texto será do jornalista Pedro Peduze e as imagens, da fotógrafa Regina Santos, que já trabalhou em O Globo.